

A MODERNIDADE INTERSECCIONAL NOS CONTOS DE LIMA BARRETO*

INTERSECTIONAL MODERNITY IN THE SHORT STORIES OF LIMA BARRETO

Gabriel Chagas¹

RESUMO: Lima Barreto é até hoje apagado das discussões sobre o Modernismo e classificado como “pré-modernista”. Por isso, esta pesquisa explora o conto “Um especialista”, lendo nele um impulso modernista por incluir, em sua ficção, as margens do “progresso”, mas também parte de um olhar contemporâneo de raça e gênero. Na narrativa, Lima Barreto tematiza criticamente a objetificação de mulheres afrodiáspóricas e, por isso, o conto será discutido sob a lente teórica da interseccionalidade, fundamentada nos textos de Angela Davis, Lélia Gonzalez e Sueli Carneiro, entrelaçada à decolonialidade, a partir das obras de Frantz Fanon, Achille Mbembe e Michel Trouillot.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura Brasileira. Lima Barreto. Modernismo. Decolonialidade. Interseccionalidade.

ABSTRACT: Lima Barreto is still erased from discussions about Modernism and considered a “pre-modernist.” This research explores the short story “Um especialista,” showing its modernist approach for including the outskirts of “progress” but also aims to provide a contemporary perspective of race and gender. In the narrative, Lima Barreto discusses the objectification of Afro-diasporic women. Therefore, I discuss the short story under the theoretical lens of intersectionality, based on the texts of Angela Davis, Lélia Gonzalez, and Sueli Carneiro, intertwined with decoloniality, based on the works of Frantz Fanon, Achille Mbembe and Michel Trouillot.

KEYWORDS: Brazilian Literature. Lima Barreto. Modernism. Decoloniality. Intersectionality.

¹ Teaching Assistant de Estudos Luso-afro-brasileiros na University of Miami. Doutorando em Estudos Literários e Culturais da University of Miami. Mestre em Literatura Comparada (PPGCL/UFRJ). Pesquisador do Laboratório Estudos Negros da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PACC/LEN/UFRJ). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1681-8347>. E-mail: gxd574@miami.edu.

*Artigo recebido em 29 de agosto de 2022 e aceito para publicação em 29 de outubro de 2022.



Apresentação

O escritor carioca Lima Barreto (1881 – 1922) foi um importante intérprete de seu tempo histórico. Conseguiu traduzir, em sua ficção, os horrores do racismo brasileiro durante a Primeira República. Um dos textos em que o autor tematiza a violência simbólica e prática do país é o conto “Um especialista”, no qual aborda a ironia trágica da miscigenação brasileira. A narrativa, em síntese, envolve um comendador português e Coronel Carvalho, de igual origem lusitana. Esses dois amigos tinham o hábito de conversar efusivamente sobre as mulheres com que se envolviam, tratando-as como “conquistas”. Nas palavras do narrador, “em geral, eram as conquistas amorosas o tema da palestra; mas, às vezes, incidentalmente, tratavam dos negócios, do estado da praça e da cotação das apólices” (BARRETO, 2010, p. 89).

Carvalho era viúvo e “frequentava *cocottes*; conhecia as escusas casas de *rendez-vous*, onde era assíduo e considerado” (BARRETO, 2010, p. 89, grifo do autor). O comendador, por outro lado, “era casado, deixando, porém, a mulher só no vasto casarão do Engenho Velho a se interessar pelos namoricos das filhas, tinha a mesma vida solta do seu amigo e compadre” (BARRETO, 2010, p. 90). A diferença entre eles se dá porque coronel Carvalho, que não possuía nenhum tipo de comprometimento matrimonial, “só queria às estrangeiras; as francesas e italianas, bailarinas, cantoras ou simplesmente meretrizes eram o seu fraco” (BARRETO, 2010, p. 90). Todavia, o lusitano casado deixava para trás sua esposa porque “gostava das mulheres de cor e as procurava com o afincado e ardor de um amador de raridades” (BARRETO, 2010, p. 90).

Lima Barreto, assim, tece na ficção a ideia do corpo da mulher negra como clandestino e desejado, terreno em que o adultério é possível. Com a esposa em casa, adentrava o território proibido da infidelidade. Nesse sentido, o narrador faz questão de frisar que a ação se passa à noite, momento do dia que simboliza a atmosfera daquilo que não é lícito: “À noite, pelas praças mal iluminadas, andava catando-as, joeirando-as com olhos chispantes de lubricidade e, por vezes mesmo, se atrevia a seguir qualquer mais airosa pelas ruas de baixa prostituição” (BARRETO, 2010, p. 90).

Nesse ponto, a força da metáfora escolhida por Lima Barreto como fala do protagonista lusitano, em sua perspicácia e brutalidade, rege toda a narrativa: “– A mulata, dizia ele, é a canela, é o cravo, é a pimenta; é, enfim, a especiaria de requieime acre e capitoso que nós, os portugueses, desde Vasco da Gama, andamos a buscar, a procurar” (BARRETO, 2010, p. 90). Indo ao encontro de Lélia Gonzalez, desvelamos a importância dessa metáfora quando a intelectual recorre ao conceito laciano de *objet petit a*, cuja definição, em linhas gerais, pode ser um objeto de desejo impossível de ser atingido.



(...) quando se diz que o português inventou a mulata, isso nos remete exatamente ao fato de ele ter instituído a raça negra como objeto *a*; e mulata é crioula, ou seja, negra nascida no Brasil, não importando as construções baseadas nos diferentes tons de pele. Isso aí tem mais a ver com as explicações do saber constituído do que com o conhecimento (2018, p. 210).

Atento aos imaginários que configuram a balança colonial, Lima Barreto faz uma proposital alusão às especiarias desejadas pelos portugueses durante as invasões da Idade Moderna. Se pensarmos no caso lusitano, o tema da navegação e da predatória violência colonial opera como uma das bases que compõe o discurso nacional português até os nossos dias. A pretensiosa ideia de um “país de navegadores” tem seu início no pioneirismo lusitano na corrida imperialista, ainda no século XV, mas se desdobra em profundas consequências durante as gerações subsequentes.

Nesse tema, talvez o exemplo mais pertinente esteja no canto III d’*Os Lusíadas*, de Camões, ao definir Portugal como “cume da cabeça de Europa toda, o Reino Lusitano, / Onde a terra se acaba e o mar começa, / E onde Febo repousa no Oceano” (s/d, p. 36). Na epopeia, Portugal é a terra que inicia o mar, uma poderosa imagem repetida ainda hoje quando se quer dar nome às belezas geográficas do país.

Tendo sido a ponta de lança da expansão marítima e erguido grande parte de seu poder sobre o saque de riquezas alheias, o imaginário nacional português dá lugar central ao mar há alguns séculos. Dessa maneira, ao fazer o personagem lusitano comparar-se a Vasco da Gama e chamar a mulher brasileira de “especiaria”, Lima Barreto consegue, de uma só vez, problematizar toda uma tradição colonial de romantização dos navegadores. Com este artigo, portanto, almejo ler em Lima Barreto uma força decolonial que, por intermédio da ficção, desmantelou a ferida colonial que até hoje sangra em nós.

Embasamento teórico

Para a leitura que aqui me disponho a oferecer, é preciso lançar mão de teorias contemporâneas e, com elas, produzir novas lentes para ler Lima Barreto, ampliando os sentidos de sua ficção. Dito isso, nas palavras do teórico Adilson Moreira, em seu estudo sobre racismo recreativo, “é interessante observar como representações culturais sobre negros motivam atos que muitos consideram racistas, embora pessoas brancas pensem que são apenas meios aceitáveis de aproximação social” (2019, p. 22). Ou seja, o contato entre homens brancos e mulheres negras na república da qual Lima Barreto fez parte reproduzia o choque colonial da violência, um corpo a ser saqueado tal qual fora feito com as especiarias levadas à Europa.



A noção de “aceitável aproximação social” se coaduna, então, à realidade que banaliza o racismo, como a fetichização da mulher negra, tornando-a uma forma supostamente válida de sociabilidade, o que camufla os discursos de ódio perpetuados por essa prática. Portanto, recorro à formulação do filósofo camaronês Achille Mbembe para ratificar que “produzir o Negro é produzir um vínculo social de submissão e um corpo de exploração, isto é, um corpo inteiramente exposto à vontade de um senhor, e do qual nos esforçamos para obter o máximo de rendimento” (2014, p. 40).

No caso específico que nos interessa, a noção de “mulato”, em sua origem, remonta ao termo *mulo* em espanhol, utilizado para designar um animal híbrido, oriundo do cruzamento entre o cavalo e a jumenta (SCHWARCZ, 2017). Por extensão de significado, o termo passou a designar o filho de mulheres negras escravizadas com homens brancos.

No conto de Lima, a figura da negritude feminina é, na voz do comendador, explicitamente objetificada quando descreve a mulher com quem havia se envolvido: “Não te conto! Foi um ‘achado’, a coisa, disse o comendador, depois de chupar fortemente o charuto e soltar uma volumosa baforada; um petisco que encontrei... Uma mulata deliciosa, Chico!” (BARRETO, 2010, p. 90). Com uma seleção lexical propositalmente erotizada, o narrador dá destaque ao ato de chupar o charuto e soltar sua fumaça. Logo, ter encontrado a mulher era para o homem português motivo de vangloriar-se de sua “conquista”.

Adiante no conto, define-a como “esplêndida mulata” (BARRETO, 2010, p. 91) e, novamente, como “uma coisa extraordinária! Uma maravilha! Nunca vi mulata igual” (BARRETO, 2010, p. 91). Com isso, identificamos a repetição não gratuita da palavra “coisa”, o que, linguisticamente, sintetiza a abordagem reificante do homem branco. Da mesma forma, Lima Barreto não poupa exemplos de um léxico predatório e de tom colonial, empregando, por exemplo, o verbo “apossar” em referência ao encontro: “– É isto! Fomos para a pensão Baldut, no Catete; e foi, pois, assim que me apossei de um lindo primor – uma maravilha, filho, que tem feito os meus encantos nestes quinze dias – com os raros intervalos em que me aborreço em casa, ou na loja, já se vê bem” (BARRETO, 2010, p. 91).

Assim sendo, a casa e a loja, isto é, a família burguesa e o trabalho burguês, em vez de ocuparem o lugar que deles se espera como reguladores da vida social, passam a ser tratados como “raros intervalos”. Já não mais interessa ao homem manter a vida que o teatro burguês branco, cravejados de hipocrisias, insiste em exigir. Por isso, faz da “mulata” seu encontro clandestino e em sua casa mantém a esposa, a fim de que possa atender aos requisitos de uma sociedade baseada nas aparências. Com isso em mente, a



teorização de que preciso para erigir esta análise parte exatamente da “mulata” como um conceito colonial, oriundo do violento contato que classificou os corpos não-brancos do Ocidente.

Podemos nortear essa reflexão com as palavras de Abdias Nascimento: “já que a existência da mulata significa o ‘produto’ do prévio estupro da mulher africana, a implicação está em que após a brutal violação, a mulata tornou-se objeto de fornicação” (2016, p. 75). Com essa definição, o intelectual e ativista negro sintetiza perfeitamente uma tradição que, atravessando os séculos, gera inúmeros produtos na cultura brasileira. Basta lembrarmos, por exemplo, da canção “O teu cabelo não nega”, de Lamartine Babo e Irmãos Valença, composta no início da década de 1930. Na letra, repetida efusivamente pelos bailes de Carnaval, ouve-se: “o teu cabelo não nega, mulata/porque és mulata na cor/mas como a cor não pega, mulata/mulata, quero seu amor” (BABO; VALENÇA; VALENÇA, 1932).

Colocada na posição de interlocutora, a mulher não é a musa inspiradora, mas sim objetificada, dado que o contato do homem branco apenas pode se dar porque “a cor não pega”. Nesse caso, escurecer-se opera como metáfora para uma relação inter-racial indesejada. Em outras palavras, a mulher “mulata” pode causar desejo, contanto que seja estritamente sexual e momentâneo. A propósito, é o mesmo princípio objetificante criticado por Lima Barreto quando atribui ao personagem português a vontade de “explorar”. Isso é reforçado na estrofe seguinte do samba de Lamartine Babo quando o eu lírico afirma: “mulata, mulatinha, meu amor/fui nomeado teu tenente interventor”, em referência aos interventores de Getúlio Vargas, que, naquele momento, já era presidente do Brasil.

Essa presença, enraizada no imaginário nacional, é atravessada por estigmas de vários tipos e enquadram essas mulheres em uma posição duplamente oprimida e associada a uma sexualidade inumana e descontrolada. O médico Nina Rodrigues, a propósito, tentando buscar características “naturais” da população miscigenada sob influência da eugenia, afirmou, no começo dos anos 1930, que “a excitação genésica da clássica mulata brasileira não pode deixar de ser considerada um tipo anormal” (*apud* NOGUEIRA, 2022, p. 229).

A esse respeito, Gilberto Freyre argumenta que a imagem da “mulata” está mais frequente no imaginário brasileiro porque “nosso lirismo amoroso não revela outra tendência senão a glorificação da mulata, da cabocla, da morena celebrada pela beleza dos seus olhos, pela alvura dos seus dentes” (2003, p. 72). No entanto, nada há de “glorificação” nesse retrato como pensara o intelectual pernambucano. Precisamos hoje ler tal afirmativa com responsabilidade e frisar que a frequência de mulheres “mulatas” no lirismo



brasileiro não se dá pelo tom idealizado que sugere o intelectual, mas sim pela tendência colonial de ver no corpo feminino mestiço um território a ser, com violência, “explorado”. Ou, nas palavras de Sueli Carneiro, as “antimusas da sociedade brasileira”.

Quando falamos em romper com o mito da rainha do lar, da musa idolatrada dos poetas, de que mulheres estamos falando? As mulheres negras fazem parte de um contingente de mulheres que não são rainhas de nada, que são retratadas como antimusas da sociedade brasileira, porque o modelo estético de mulher é a mulher branca (2011, p. 2).

Mantendo a perspectiva da tradição literária do século XIX, isso também se observa em momentos canônicos da Literatura Brasileira, tais como o romance *Memórias de um sargento de milícias*, publicado em 1854 por Manuel Antônio de Almeida. No enredo, conhecemos a personagem Vidiinha, descrita em sua sensualidade e capacidade de atrair os homens, ainda que sem o compromisso do matrimônio. No Naturalismo, algo similar acontece no clássico *O cortiço*, de 1890, trama na qual Rita Baiana seduz o lusitano Jerônimo e arruína os planos casamenteiros de Piedade com o imigrante português. Como se nota, seduzir o homem branco e, conseqüentemente, impedi-lo de performar a figura do homem casado é tido como um destino incontornável da “mulata”.

Aliás, não por acaso, a canção de Lamartine Babo, assim como a trama de “Um especialista”, traz a imagem de Vasco da Gama como metonímia de Portugal: “Quando, meu bem, vieste a terra/ Portugal declarou guerra/a concorrência então foi colossal/Vasco da Gama contra o batalhão naval” (BABO; VALENÇA; VALENÇA, 1932). Dessa vez, o “produto exótico” oriundo da colonização desperta interesse e “concorrência”. Tal qual um tesouro escondido ou uma extensão de terra, o corpo da mulher é motivo de disputa. Não é difícil perceber, portanto, como a letra, ao fazer uso da alegria despreziosa da marchinha carnavalesca, pôde reproduzir uma série de estereótipos racistas que, em última análise, são ferramentas da colonialidade.

Essa análise comparada com a letra da canção se mostra ainda mais significativa quando nos lembramos de que Lima Barreto, provavelmente no Carnaval de 1906 ou 1907, abandonou os amigos em plena folia depois de escutar uma letra que considerava ofensiva. A marchinha, cuja composição havia se dado em 1902 por Arquimedes de Oliveira, foi gravada para o Carnaval de 1906, tendo feito grande sucesso entre os foliões: “Vem cá, mulata!/, Não vou lá não/ Vem, ó meu doce de coco,/ Que você me mata,/ Ou me deixa louco”. O biógrafo Francisco de Assis Barbosa (1988) narra esse acon-



tecimento e nos conta que, ofendido, o escritor saiu da festa sem avisar os companheiros. Mais tarde, confessaria que aqueles versos lhe penetravam nos ouvidos como um insulto.

Por muito tempo, esse episódio foi visto como uma prova de como Lima Barreto tinha atitudes excessivas ou desequilibradas. Contudo, ler sua recusa dessa forma é reproduzir os males do racismo recreativo. O escritor, na verdade, percebeu que nada havia de inocente na música e ofendeu-se pois os versos o fizeram se lembrar de sua mãe, cuja morte na infância o havia marcado irremediavelmente.

Lendo com atenção a letra que enfureceu Lima Barreto, percebemos que, ao posicionar o homem branco como aquele que insiste em chamar a “mulata” a despeito da recusa, o texto sugere o caráter não-consensual envolvido em muitas relações desse tipo. O principal ponto, porém, está no verso seguinte ao compará-la ao doce de coco, o que desumaniza esse corpo como um “aperitivo” e, por fim, atribui à “mulata” a capacidade de matar o homem branco ou enlouquecê-lo. Em outras palavras, posta para fora da possibilidade de um lar nos moldes burgueses, a ela cabe exatamente o oposto, isto é, “destruir um lar” por meio de sua proibida sedução.

É o que se pode entender, implicitamente, na evocação da morte e da loucura (“Que você me mata,/ Ou me deixa louco”), uma vez que a morte é o oposto da vida, e a loucura é o avesso da razão, atributo que, aliás, era muito valorizado quando estavam em voga o cientificismo e o positivismo. Hoje, então, é fundamental tratarmos esses temas com a seriedade que exigem, ressaltando o quão nocivas são piadas desse tipo e sua aparente sutileza.

É essa a forma como produtos culturais de circulação popular fortalecem relações de poder em uma sociedade. Foi esse o caso do samba no tempo de Lima e o mesmo que fez a letra de Lamartine Babo, já nos anos 1930. A propósito, a composição de “Vem cá, mulata” incomodou tanto o escritor que, em sua participação na Revista *Floreal*, de 1907, fez questão de protestar contra a marchinha que, para ele, era hedionda.

Essa reflexão sobre diferentes momentos da cultura popular brasileira nos é útil na medida em que ilustra como feridas coloniais dessa natureza não se fecham, mas sim se atualizam. Não por coincidência, encontramos também na família de Lamartine Babo, na geração seguinte, outra reprodução desses valores e normas coloniais. Isso porque o sobrinho do cantor de “Teu cabelo não nega” seria mais um a se apropriar da imagem da “mulata” para mercantilizá-la em benefício próprio. Refiro-me ao apresentador e radialista Osvaldo Sargentelli, filho de Leopoldo de Azeredo Babo, que, por sua vez, foi irmão do compositor.



O radialista carioca fez sua fama com as dançarinas de seu programa, nomeadas como “as mulatas do Sargentelli”, expressão em que o adjunto adnominal denotando posse explica, por si só, a gritante ferida colonial que reproduzia e reforçava. O comunicador, aliás, autodenominava-se “mulatólogo”. Por isso, como aponta Rômulo Nogueira ao compará-lo ao conto do escritor carioca, “assim como o personagem do conto de Lima Barreto, Sargentelli era um ‘especialista’ no assunto” (2022, p. 226).

À interessante leitura de Nogueira, poderíamos acrescentar que a herança desse “espetáculo” no imaginário carioca é tamanha que, a despeito do seu falecimento em 2002, ainda hoje considera-se o aniversário de Sargentelli o “dia da mulata” (8 de dezembro). Nesse momento, preciso solidificar o arcabouço teórico deste percurso com a reflexão do antropólogo haitiano Trouillot sobre quais datas são celebradas por uma sociedade. Para o intelectual caribenho, decidir quais eventos são comemorados produz, inevitavelmente, silêncios sobre a memória.

No capítulo 4 do livro *Silenciando o passado*, Trouillot oferece uma instigante análise de eventos ocorridos no dia 12 de outubro, questionando o fato de que essa data, com a chegada de Cristóvão Colombo às Américas em 1492, é até hoje “celebrada” como dia de Colombo. Nas palavras de Trouillot, “a criação desse momento histórico facilita a narrativização da história, a transformação do que ocorreu naquilo que se diz ter ocorrido” (2016, p. 132).

Não é difícil, por isso, entender que existe sempre uma agenda política por trás do estabelecimento de uma nova data, festividade ou feriado. No caso de Sargentelli, qual é a narrativa com a qual lidamos? Sob o ponto de vista simbólico, por mais inofensiva que possa parecer, a escolha de seu aniversário como “dia da mulata” traz subjacente a sub-humanidade dessas mulheres. Afinal, não são lembradas por elas mesmas, mas por meio de um homem branco que enriqueceu através da exploração midiática de seus corpos. Ademais, sendo este o dia em que nasceu o apresentador, carrega-se, de forma implícita, a ideia de que foi ele o responsável por “criar” a mulata, algo que já previra Fanon (2008), ao descrever o negro como uma invenção branca do colonialismo.

Na mesma linha de raciocínio, cabe lembrar que Sargentelli se referia a essas mulheres como “mulatas que não estão no mapa”. Com essa expressão, a colonialidade do constrangedor espetáculo se aprofunda ainda mais, pois aciona no imaginário a noção de um mapa e, portanto, um terreno a ser explorado. Ou seja, se essas mulheres ainda não estão mapeadas, são corpos “selvagens”, “primitivos” e “desconhecidos” a serem cartografados e conquistados.



É o que parece ser também sugerido ao falar do “ziriguidum” como sua característica marcante, apontando para um campo semântico de mistério, indefinição e exotismo. Em outras palavras, se a “mulata” está para fora do mapa desenhado por essa cartografia, resta-lhe o lugar clandestino, submisso e perigoso. Aliás, a própria noção de cartografia que temos até hoje é profundamente europeia, branca e masculina. Por tudo isso, ao pensarmos nas “mulatas do Sargentelli”, concordamos com as palavras de Lélia Gonzalez.

A profissão de “mulata” é uma das mais recentes criações do sistema hegemônico no sentido de um tipo especial de “mercado de trabalho”. Atualmente, o significante mulata não nos remete apenas ao significado tradicionalmente aceito (filha de mestiça de preto/a com branca/o), mas a um outro, mais moderno: “produto de exportação”. A profissão de mulata é exercida por jovens negras que, num processo extremo de alienação imposto pelo sistema, submetem-se à exposição de seus corpos (com o mínimo de roupa possível), através do “rebolado”, para o deleite do voyeurismo dos turistas e dos representantes da burguesia nacional. Sem se aperceberem, elas são manipuladas, não só como objetos sexuais mas como provas concretas da “democracia racial” brasileira; afinal, são tão bonitas e tão admiradas! Não se apercebem de que constituem uma nova interpretação do velho ditado racista “Preta pra cozinhar, mulata pra fornicar e branca pra casar”. Em outros termos, são sutilmente cooptadas pelo sistema sem se aperceberem do alto preço a pagar: o da própria dignidade (2018, p. 45-46).

Análise do conto

Mantendo no horizonte a teorização sobre raça e gênero e a “invenção da mulata”, é possível girar certas chaves na leitura de “Um especialista”. Como se nota, a objetificação desse corpo faz dele um mero assunto dentre tantos outros nos quais o homem branco poderia “especializar-se”. Portanto, com o título do conto, Lima Barreto enfatiza a oposição colonial entre sujeito e objeto que, aliás, fundamentou a forma como o “novo mundo” havia sido visto desde o século XVI. O homem branco, na posição de “explorador” e, séculos mais tarde, de “intelectual civilizado”, viria em sua posição de especialista para desbravar os corpos, paisagens e riquezas das Américas e da África, cujos habitantes, como consequência, seriam atirados à posição de objeto, uma vez que, sendo estudados, não poderiam jamais ser eles próprios os especialistas.

A catequese forçada e a implementação do sistema escravocrata no Brasil opera nesse sentido a partir da expansão marítima europeia, mas, com a ascensão da eugenia no final do século XIX, a ideia de “especializar-se” em corpos negros fica ainda mais nítida no mundo ocidental. Em outras pala-



bras, o racismo e a supremacia branca encontram (até hoje) formas de se atualizar para jamais perderem o fôlego.

Assim, enxergamos a força revolucionária de Lélia Gonzalez (2018) ao requisitar a importância de enegrecermos as bibliografias. Não se trata de uma questão meramente representacional – ainda que representatividade na Academia também importe –, mas sim uma metodologia a fim de reverter a forma como as ciências humanas têm sido conduzidas há alguns séculos, em razão da qual, na imensa maioria das vezes, o corpo negro se torna, na melhor das hipóteses, um “exótico” objeto de estudo.

No conto de Lima Barreto, encontramos a crítica irônica a esse tipo de “especialista”, razão pela qual não é exagero dizer que o autor carioca assume essa tradição para invertê-la ou, ao menos, problematizá-la. O comendador, fascinado diante da beleza negra que roubara sua atenção, conta ao amigo, em tom de vitória, que sua amante é “bem fornida de carnes, roliça; nariz não muito afilado, mas bom!” (BARRETO, 2010, p. 91 – 92). Quem sabe o que teria escrito o intelectual carioca caso tivesse conhecido “as mulatas do Sargentelli”. Certamente, esse encontro teria nos rendido preciosas crônicas do mordaz autor.

Na própria descrição de sua nova “conquista”, o tom do personagem parece reproduzir a linguagem de alguém que se enxerga não apenas em uma posição superior, mas também externa e distanciada, tal qual um analista que, sem envolvimento afetivo, realmente acredita ter se “especializado” no tema. O nariz da jovem, portanto, carregando um traço negroide, é visto como um defeito, pois, apesar de não ser tão fino, como se espera em um padrão eurocêntrico de beleza, é “permitido” no contexto em que, afinal, não se casaria com aquela mulher.

O personagem ressalta, ainda, que sua beleza “não se descreve” (BARRETO, 2010, p. 92), ou seja, o enigma de tamanho “exotismo” desperta nele uma incompreensão ambígua. Mais uma vez, é impossível não nos lembrarmos das ideologias subjacentes em Sargentelli ao afirmar que “suas” mulheres não estão no mapa, isto é, ainda não puderam ser descritas. Desse modo, se, por um lado, não possui linguagem que dê conta de semelhante deslumbramento; por outro, é preciso manter um distanciamento daquele corpo, justamente por se tratar de um tema indecifrável.

Na mesma passagem, a força satírica do narrador barretiano assume uma nota naturalista. O homem lusitano, que a essa altura do enredo já havia proferido racismos de vários tipos, é descrito segundo os moldes do romance de tese do século XIX, sendo animalizado e, por consequência, transformando-se em uma assombrosa figura, adequada às frases que usara para se referir a sua amante.



O comendador falara com um ardor desusado nele; acalorara-se e se entusiasmara deveras, a ponto de haver na sua fisionomia estranhas mutações. Por todo ele havia aspecto de um suíno, cheio de lascívia, inebriado de gozo. Os olhos arredondaram-se e diminuíram; os lábios se haviam apertado fortemente e impelidos pra diante se juntavam ao jeito de um focinho; o rosto destilava gordura; e, ajudado isto pelo seu físico, tudo nele era de um colossal suíno (BARRETO, 2010, p. 92).

Para Rômulo Nogueira, por intermédio desse fragmento, “inverte-se, ademais, os tradicionais polos da relação homem branco e mulher negra em que a representação do primitivismo, animalesco e selvagem cabe ao lado feminino” (2022, p. 225). Com efeito, o narrador não deixa dúvidas a respeito da sua posição no que se refere ao personagem. Embora o tom irônico já possa ser percebido sutilmente nas primeiras páginas da narrativa, Lima Barreto consolida, com esse parágrafo, o sarcasmo que se faz primordial na interpretação desse texto. Não há, então, qualquer tipo de respeito ou admiração pelo comendador, o que pode, facilmente, ser lido como crítica à truculência da mentalidade colonial.

O homem, então, admite que quer “prová-la, enfeitá-la, enfeitá-la e ‘lançá-la’” (BARRETO, 2010, p. 92). Logo após dizê-lo, conta ao amigo seu plano de ir com a amante para o cassino naquela mesma noite. O enredo, então, começa a delinear a horrenda revelação que surgiria em breve. Com um tom de tragédia grega, Lima Barreto já havia, na verdade, logo no começo da trama, incluído uma espécie de vaticínio que sugeria o desfecho do conto: “Nunca vi mulata igual. Como esta, filho, nem a que conheci em Pernambuco há uns vinte e sete anos!” (BARRETO, 2010, p. 91). Esse recurso se desdobra pouco a pouco para que o leitor perceba a revelação inominável que viria a seguir. O autor aqui não poupa na ironia trágica ao fazer com que o comendador se refira à amante como “filha”.

- Você tem razão, disse o comendador; Recife é bonito, e muito mais...
- O senhor, já esteve lá?
- Seis anos; filha, seis anos; e levantou a mão esquerda à altura dos olhos, correu-a pela testa, contornou com ela a cabeça, descansou-a afinal na perna e acrescentou: comecei lá minha carreira comercial e tenho muitas saudades. Onde você morava?
- Ultimamente à rua da Penha, mas nasci na de João de Barro, perto do hospital de Santa Águeda.
- Morei lá também, disse ele distraído (BARRETO, 2010, p. 95).

Por fim, envolvido com a mulher, enebriado por seu exotismo de “mulata”, o comendador defronta-se com a terrível verdade. Era sua filha.



Lima Barreto enfrenta o tema do incesto sem receio e, com ele, desfere um golpe certo nas hipocrisias, perversidades e injustiças do racismo. Afinal, o comendador estava prestes a fazer, com a própria filha, o que anos antes havia feito com a mãe da jovem.

A mulata, que ainda não se havia bem apercebido do estado do comendador, respondeu ingenuamente: – Mamãe morreu em setembro de 1893, por ocasião da revolta... Ouvei contar essa história em fevereiro. É isso.

O comendador não perdera uma sílaba; e, com a boca meio aberta, parecia querê-las engolir uma a uma; com as faces congestionadas e os olhos esbugalhados, a sua fisionomia estava horrível.

O coronel e a mulata, extáticos, estuporados, entreolhavam-se.

Durante um segundo nada se lhes antolhava fazer. Ficaram como idiotas; em breve, porém, o comendador, num supremo esforço, disse com voz sumida:

– Meu Deus! É minha filha! (BARRETO, 2010, p. 97).

Tal como a descoberta de Édipo, que fere irremediavelmente os próprios olhos ao descobrir seu crime, o comendador se vê diante de uma inominável violação. No conto, porém, não são os olhos do personagem que perdem a capacidade de ver, mas sim os nossos próprios olhos de leitores, uma vez que, após o impacto da descoberta, o narrador interrompe o desenrolar da trama. Logo, o desfecho trágico existe, mas não se desenvolve com fôlego. Em vez disso, pega-nos de surpresa, deixando para a imaginação leitora a recriação do destino dessas personagens.

Considerações finais

Com a sustentação teórica de intelectuais de nosso tempo, eu pretendi com esta análise oferecer uma perspectiva contemporânea que faça jus à potência da ficção barretiana. Em uma geração na qual importam cada vez mais os marcadores sociais da diferença, é importante mobilizar os dados de raça, classe, gênero e lugar de origem para interpretar o escritor carioca e, com ele, entender um pouco mais do Brasil. Nesta breve pesquisa, procurei lançar luz sobre essas questões, mas almejo, principalmente, chamar atenção para o fato de que, neste ano de 2022, em que comemoramos os cem anos do Modernismo oficial no Brasil, Lima Barreto também merece ser celebrado. Afinal, por brutal ironia do destino, tem também em 2022 uma efeméride, o centenário de sua morte no dia 1º de Novembro de 1922.



“Um especialista”, portanto, mostra como Lima Barreto pode ser lido em perspectiva decolonial e interseccional. A esse argumento, poderíamos acrescentar obras como “Clara dos Anjos”, “Cló”, “Uma conversa vulgar” e “Um e outro”. Em todos esses textos, o ficcionista se preocupa em tematizar a situação da mulher negra no Brasil, além, é claro, de suas diversas importantes crônicas nas quais denunciou, à frente de seu tempo, o horror do feminicídio. Lê-lo no século XXI, enfim, não é apenas render homenagem a um autor fundamental da Literatura Brasileira, mas também usar nossas lentes contemporâneas para pensarmos o que o passado pode nos ensinar a fim de cogitarmos algum tipo de futuro.

Referências

BABO, L.; VALENÇA, R.; VALENÇA, J. **Teu cabelo não nega**. Rio de Janeiro: Gravadora Victor: 1932. (3min 07seg). Disponível em <https://www.letras.com/lamartine-babo/366356/> Acesso em 16 de julho de 2022.

BARRETO, L. **Contos completos de Lima Barreto**; organização e introdução Lilia Moritz Schwarcz. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

CARNEIRO, S. Enegrecer o Feminismo: A situação da Mulher Negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero. Disponível em <https://www.geledes.org.br/enegrecer-o-feminismo-situacao-da-mulher-negra-na-america-latina-partir-de-uma-perspectiva-de-genero/> Acesso em 16 de julho de 2022, 16:56:12.

CAMÕES, L. **Os Lusíadas**. Domínio público Acervo da Biblioteca Virtual do Estudante Brasileiro. Domínio Público, s/d. Disponível em <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000162.pdf> Acesso em 16 de julho de 2022, 11:47:20.

FANON, F. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: EDUFBA, 2008.

FREYRE, G. **Casa-grande & senzala**: formação da família brasileira sobre o regime da economia patriarcal. São Paulo: Global, 2003.

GONZALEZ, L. **Primavera para as rosas negras**. São Paulo, Editora UCPA, 2018.

MBEMBE, A. **Crítica da razão negra**. Lisboa: Antígona editores refractários, 2014.

MOREIRA, A. **Racismo recreativo**. São Paulo: Pólen, 2019.

NASCIMENTO, A. **O genocídio do negro brasileiro**: processo de um racismo mascarado. São Paulo: Perspectivas, 2016.



NOGUEIRA, R. **Direitos humanos e literatura na diáspora africana brasileira**. 2022. 408 f. Tese. (Doutorado em Direito) Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

SCHWARCZ, L. **Lima Barreto: triste visionário**. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

TROUILLOT, M. **Silenciando o passado: poder e a produção da história**. Tradução: Sebastião Nascimento. Curitiba: Huya, 2016.

